

Artigos

Mano a mano com José Monegal

Mano a mano con José Monegal

One-on-one with José Monegal

Carlos Garcia Rizzon¹, Kéven Costa de Lima¹, Larissa Gonçalves da Rosa¹,
Lucas da Silva Arias¹, Lucas Martins¹, Maria Ingrid de Macedo¹

¹Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, RS, Brasil

RESUMO

As reflexões desta tradução comentada apontam considerações sobre as escolhas realizadas no exercício da tradução literária. Neste caso, é trabalhado um conto de José Monegal, escritor que, na representação do ambiente pampiano e fronteiriço, apresenta uma linguagem recheada de oralidades, regionalismos e coloquialidades que exigem investigações sobre uma cultura que, ao mesmo tempo em que se coloca como próxima do território brasileiro, também possui suas particularidades. Assim, para traduzir “Mano a mano”, junto a pesquisas em textos de autores sul-rio-grandenses, a dicionários de termos regionais e às falas cotidianas presentes na fronteira, foi preciso exercitar criações, oferecendo ao texto do autor uruguaio uma abertura a possibilidades interpretativas.

Palavras-chave: Tradução; Regionalismo; Gauchesca; Fronteira; José Monegal.

RESUMEN

Las reflexiones de esta traducción comentada apuntan consideraciones sobre las elecciones realizadas en el ejercicio de la traducción literaria. En este caso, es trabajado un cuento de José Monegal, escritor que, en la representación del ambiente pampeano y fronterizo, presenta un lenguaje relleno de oralidades, regionalismos y coloquialidades que exigen investigaciones sobre una cultura que, al mismo tiempo en que se coloca como cercana al territorio brasileño, también posee sus particularidades. Así, para traducir “Mano a mano”, junto a investigaciones de textos de autores riograndenses, a diccionarios de términos regionales y a las hablas cotidianas presentes en la frontera, fue preciso ejercitar creaciones, ofreciendo al texto del autor uruguayo una apertura a posibilidades interpretativas.

Keywords: Traducción; Regionalismo; Gauchesca; Frontera; José Monegal.

ABSTRACT

The reflections of this commented translation point to considerations about the choices made in the exercise of literary translation. In this case, a short story by José Monegal is worked on, a writer who, in the representation of the Pampas and border environment, presents a language filled with orality, regionalisms and colloquialities that demand investigations about a culture that, at the same time that it places itself as close to the Brazilian territory, also has its particularities. Thus, to translate “Mano a mano”, it was necessary to exercise creations, offering the Uruguayan author’s text an opening to interpretative possibilities.

Keywords: Translation; Regionalism; Gauchesca; Border; José Monegal

1 INTRODUÇÃO

Personagem constante na literatura uruguaia, a figura do gaúcho foi representada nas lidas rurais e nas heroicidades dos campos de batalha por muitos autores. Bartolomé Hidalgo, Eduardo Acevedo Díaz e Javier de Viana são exemplos de escritores que construíram essa tradição gauchesca no lado oriental do Rio da Prata. Com a industrialização e o desenvolvimento urbano nas primeiras décadas do século passado, outros padrões surgiram e, amparados por vanguardas artísticas que deram impulso a novas estéticas, a produção literária se renovou através de um grupo de poetas e romancistas que, nas palavras de Carlos Martínez Moreno, combateu o “realismo melancólico [...] de una literatura pueblera y rural, rala, chata y amanerada” (apud ROCCA in MONEGAL, 2007, p. 6). Desse grupo, denominado “Geração de 45” por Emir Rodríguez Monegal, fizeram parte, entre outros, Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti e Idea Vilariño, autores que deram impulso a uma urbanidade que já se impunha como espaço poético e narrativo.

Porém, nessa mesma época, o escritor José Monegal (tio do crítico literário citado acima) optou por trilhar um caminho oposto, apesar de ter acompanhado de perto expressões vanguardistas na Europa quando, na década de 1920, estudou pintura na Espanha e apresentou recitais de composições que fez para o violão, como lembra Washington Benavides no prólogo de um de seus livros. Seu talento em diferentes ofícios artísticos – também foi dramaturgo e poeta – o levou a expor suas telas em Buenos Aires e nos Estados Unidos. Talvez tenha sido justamente esse espírito universal que levou José

Monegal a voltar-se para o interior do seu país, buscando representar nos seus textos um regionalismo pampiano e fronteiro, referências do norte uruguaio e de Melo, cidade onde nasceu em 1892.

A obra literária de José Monegal se distancia ainda mais da “Geração de 45” por apresentar uma paisagem rural ambientada no passado, nas últimas décadas do século XIX, trabalhando com temas que recriam um mundo gauchesco que já estava extinto. Também já não era convencional, na sua época, o meio adotado para a divulgação de sua obra, pois José Monegal preservou até 1968, ano de sua morte, a publicação de seus contos em suplementos culturais de jornais, forma antiga e consagrada no início do século XX. No entanto, diferente de escritores que o antecederam, não foi propósito seu trazer nostalgias de um idealizado tempo que passou e nem recuperar heroicidades das guerras civis de outrora. Suas personagens, mais do que ilustrar costumes campeiros e valentias xucas, representam um quadro social em que desfilam contrabandistas, curandeiras, milicos, peões, estancieiros, bolicheiros, entre outros, configurando os mais diversos indivíduos que convivem no campo e em pequenos povoados.

Na construção desses arquétipos sociais, a narrativa de José Monegal apresenta uma linguagem marcada por coloquialidades regionais e oralidades fronteiriças de uma maneira muitas vezes cômica, o que faz acentuar dramas e tragédias de episódios das vivências populares. Essas características estão presentes em “Mano a mano”, conto que faz parte do corpus de estudo do projeto de pesquisa “José Monegal em tradução: teoria, prática e crítica”, desenvolvido no curso de Letras Espanhol e Literatura Hispânica do campus Jaguarão, na Universidade Federal do Pampa.

A seguir, apresentamos a tradução que realizamos desse texto:

MANO A MANO

Só um milagre. Nem a mais poderosa vitalidade, nem a mais alta ciência, teria resistido àquele tremendo impacto da lança.

Entardecia.

O último esquadrão dos vencedores desaparecia, recortando o vermelho horizonte como uma imensa serpente escura. E a noite, quando começou a encobrir o campo, fez mais sombria a desolação, fundindo nas trevas cavalos angustiados, lanças quebradas, trabucos desfeitos... e os mortos.

No entanto, o coração do capitão Sotelo, com o corpo semioculto na macega de um barranco, ainda palpitava.

Quando amanheceu, os cachorros de Felisbina, eriçados do sereno, começaram a uivar. Uma negrinha saiu do rancho ralhando, o que fez com que eles se aquietassem.

Pouco depois, ela e a curandeira, a pé, se endereçaram ao campo de batalha. Encontraram ali alguns homens sinistros, rondando, garreando defuntos. As duas negras também carchearam algo.

De repente, alguém gritou:

- Aqui tem um que inda tá respirando!

Uma hora depois, estava o capitão Sotelo no rancho da bruxa, deitado em cima de uns pelegos.

Ao rasgar a roupa, apareceu a horrível ferida. A negrinha caiu desmaiada. Os homens que tinham ajudado a carregar Sotelo sentiram fraquejar as pernas. Felisbina encostou uma lata no fogo.

O capitão Sotelo passou falando dois dias e duas noites. Às vezes, depois de um breve silêncio, lançava uns “ais” de arrepiar. Rangiam os dentes, a boca se abria na ânsia por ar, rutilavam os olhos. Depois seguia aquela fala incoerente, misturando frases tortas, palavras roucas: flor... truco... retruco...!

No seu delírio, ardia em febre. Uma tal hora a negrinha chorava e, em tal outra, ela ria. Felisbina, ao seu lado, quase petrificada, cobria a testa ou o ventre com panos empapados em água fria. E em um ritmo hipnotizante, passava e voltava a passar sobre o rosto um trapo – que ela mesma tinha tecido com juncos do pântano. O mosquedo zumbia um bordão lúgubre...

Cinco anos depois, na estância do coronel Tapia, houve uma festa de aniversário. À meia-noite, enquanto a moçada seguia o baile, no grande pátio da casa, seus parceiros da época bravia, em roda, cercavam o coronel. Ali estava um médico, seu cunhado. Sotelo, que depois de sua milagrosa salvação se tornou mais próximo do estancieiro, seu companheiro de armas, também estava ali, sempre concentrado.

As palavras, girando em torno de diversos temas, tocaram no assunto da ferida. O coronel disse:

- Dale, Sotelo, mostra a cicatriz pro doutor.

- Pa quê?

O próprio médico teve que implorar.

Ao ver o ventre nu, retorcido em uma trama de linhas monstruosas, exclamou:

- Uma terrível ferida!

E depois de uma minuciosa observação, seguiu:

- Lembra, capitão, qual o tratamento que a curandeira le deu?

Sotelo ruminou as ideias por um instante. Depois falou:

- Não me alembro muito bem... Só sei que passei os dia olhando a quinchinha do rancho, às vezes com dor, às vezes meio dormindo, me sacudindo sempre, como se no meu bucho tivesse dois gato do mato agarrados a unhas e dentes...

O doutor disse:

- Na verdade, não sei como que tás vivo...

Então Sotelo se ergueu um pouco, brilharam seus olhos.

- Inté agora não contei nada pa ninguém. Mas... sei que teve uma hora, não me alembro se era de dia ou de noite, estava eu sentado entre as pedra da serra, tirando de dentro das minhas tripa uns espinho grande, de tuna brava... Tenho que tirá todos, me dizia, ansim me aliveio deste fogo... Nessa toada tava, tirando os espinho, mas sempre me apareciam outros... e quando vi tava se achegando, montada num cavalo escuro e clinudo, uma china alta, os olho perdido em dois buraco, de nariz achatado, e os dente saltado. Me gritô, e deu um sofrenação no montado que fez ele relinchá.

- Vim te buscá, pula nas anca!

Não gostei da estampa daquela fêmea e menos ainda o jeito de mandona de dizê as coisa. Entonces falei:

- E quem que tu é pa me dá ordem? Tu não passa duma esfarrapada...

Senti que os olho, lá do fundo, cravaram na minha carne, no meu esqueleto.

- Sou a mesmíssima morte, tás mui empinado! Olha: eu podia te apagá com um sopapo nas orelha. Mas vô te dá uma chance, já que tás te fazendo de loco. Vamo apostá a tua vida no truco.

E sem mais delongas pegô as carta e uns grão de feijão, se abancô e já le vi na minha frente, fazendo uma pedra como mesa. Embaralhô.

- Corta! A quarenta pontos e sem revanche!

E aí mesmo comecemos um tramar de carta como nunca joguei e nunca mais vô jogá. Chegemo a trinta iguais. Já não sentia os espinho, só via minha adversária, de boca que era puro dente, de olho sumido, de nariz furado e com as mão ossuda que se entreveravam no baralho mui senhora de si.

- Tás com a mão boa pro jogo – me disse numa dessas – pero o ponto quarenta quem vai cantá sou eu!

Eu agarrei trinta e seis e me atirei como quem se joga na corrente de um arroio desbarrancado.

- Falta envido! – gritei.

Pela boca da china passô a sombra duma risadinha. Abriu duas carta, um dois e um sete.

- Quero – falou –, estas são trinta e sete!

Pero quando foi jogá a terceira carta no monte, le disse:

- Quero flor!

Le rangeu os dente, le bailaram os canino, saiu uma luz amarela dos buraco donde se encovavam os olho. E le brotô um ronco do peito quando disse:

- Não tô entendendo como que tu foi me ganhá!

Montô de um salto e se perdeu nas tuna, nas erva, dos mirto. Tinha negado uma flor pa me ganhá a falta e com ela o jogo. Não entendeu como le ganhei e tampouco soube que eu tinha no meio dos joelho os três doze que faltava.

Fez-se ali um silêncio impressionante. Sotelo tinha ficado tenso, como pensativo na evocação do seu drama. Do seu olhar saíam às vezes fugazes relâmpagos. O médico desfez o silêncio e a tensão.

- Só assim, capitão Sotelo, pudesse ganhar sua vida. Nem Felisbina, nem sua natureza privilegiada, nem com minha ciência, todos juntos, teríamos conseguido le salvar...

O coronel atravessou:

- O melhor de tudo, Sotelo, é que tu te desse, ganhasse trapaceando, escondendo as carta...

- Coronel – Sotelo, já mais calmo, respondeu – sempre que me parei diante de outro, naipe nas mão e dinheiro no feltro, não me topei com coisa pequena. E olha que naquela feita com a china, o que apostei foi a minha mesmíssima vida.

2 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

O projeto de pesquisa “José Monegal em tradução: teoria, prática e crítica” se desenvolve com o trabalho de estudantes bolsistas e um professor do curso de Letras. No projeto, além de estudos sobre a teoria da tradução literária, o processo de tradução é experimentado por todos os bolsistas que, primeiramente, leem um conto de José Monegal, selecionado pelo professor, para depois fazerem a tradução. Em encontros semanais, o grupo reflete e discute sobre as traduções feitas, anteriormente, por um dos integrantes, e define soluções para alguns problemas ou decide aprofundar pesquisas para se chegar em um melhor resultado.

O ato de traduzir contos de José Monegal requer diversas investigações. Para registrar marcas regionais no texto, por exemplo, é preciso realizar leituras de diferentes obras de autores sul-rio-grandenses, reconhecendo formas que já possuem uma tradição

de uso na literatura. Desse modo, é possível reconhecer, por exemplo, que os registros “ansina”, “ande” e “entodavía” das oralidades presentes nos contos de José Monegal, em textos de escritores sul-rio-grandenses como Alcides Maya, João Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Cyro Martins, Aldyr Garcia Schlee, Sergio Faraco e Tabajara Ruas, entre outros, aparecem, respectivamente, as consagradas formas “ansim” (para “assim”), “donde” (para “onde”) e “inda” (para “ainda”). Por outro lado, com relação a outros termos, são necessárias consultas a dicionários de termos regionais, como o *Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense*, de Aldyr Garcia Schlee; o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes; o *Diccionario del español del Uruguay*, da Academia Nacional de Letras uruguaia; o *Diccionario del lenguaje campesino rioplatense*, de Juan Carlos Guarnieri e, entre outros, o *Indiccionario*, de Miguel Tirado Zarco. Nesse sentido, junto à denotação apontado pelo verbete consultado, é possível comprovar a incorporação de um corpus lexical regional ao registro escrito. Além disso, e principalmente, é importante ter ouvidos atentos e sensíveis para as oralidades presentes em Jaguarão (Brasil) e em Rio Branco (Uruguai), região fronteira que identifica nosso lugar de enunciação e que queremos marcar nos textos que traduzimos.

Encontrar palavras no idioma português que representem o sentido de termos e expressões em espanhol é uma tarefa que muitas vezes gera estranhamentos e precisa de interferências por parte de quem traduz. Nos parágrafos a seguir, buscamos apontar questões que nos deparamos na tradução do conto “Mano a mano” e que acreditamos serem relevantes no campo da tradução literária, como oralidades e coloquialidades, espanholismos, marcas regionais e fronteiriças, falas jaguarenses e aspectos sobre sintaxe.

José Monegal realça a oralidade em seus contos, utilizando-a como um recurso para ambientar, por meio da fala de suas personagens, o espaço narrado e situações cotidianas. Para isso, o autor inventa um código escrito que evidencia marcas linguísticas de falas não escolarizadas, ressaltando aspectos culturais da comarca pampiana. No nosso processo de tradução, buscamos identificar as oralidades presentes no texto em espanhol,

experimentar possibilidades desse registro em português e, sempre que possível, utilizar repertório que, escutando falas de fronteiriços, percebemos em nossa região.

Para a criação desse repertório, também foi preciso aprofundar leituras de escritores que trabalham com a literatura gauchesca e que já criaram um léxico específico para dar conta da linguagem oral dos indivíduos do campo.

Desse modo, para um melhor resultado na tradução, definimos algumas formas para representar a complexidade da oralidade presente nas falas das personagens de José Monegal. Como os casos que destacamos a seguir:

E aí mesmo **comecemo** um tramar de carta como nunca joguei e nunca mais **vô jogá**. **Cheguemo** a trinta iguais. Já não sentia **os espinho**, só via minha adversária, de boca que era puro dente, de olho sumido, de nariz furado e com **as mão ossuda** que se entreveravam no baralho **mui** senhora de si.

Nesse exemplo, omitimos o “r” do verbo no infinitivo, que foi substituído por um acento na última vogal. Também se usou supressão do “s” final em verbos no pretérito, que, na primeira pessoa do plural, ainda sofreram uma troca de vogal, desrespeitando a norma culta. Com essa mesma intenção, o plural ficou marcado somente nos artigos, sem a concordância nos substantivos e adjetivos. Assim, o fragmento “Y ahí mesmo comenzamos un tejer de cartas como no lo jugué y no lo jugaré más. Llegamos a treinta iguales. Ya no sentía las espinas, sólo véia aquel contrario de boca sumida, de ojos borraos, de nariz pegada y manos güesudas que se entreveraban en el mazo muy suficientemente.”, de José Monegal, que possui o fronteiriço “mesmo” e os registros de oralidade “véia”, “borraos” e “güesudas”, recebeu alterações segundo os critérios que tínhamos definido para compensar marcas que, em português, não teriam correspondência.

Também utilizamos formas não escolarizadas em outras situações, como as que estão marcadas no trecho abaixo:

- **Inté** agora não contei nada **pa** ninguém. Mas... sei que teve uma hora, não me **alembro** se era de dia ou de noite, estava eu sentado entre as pedra da serra, tirando de dentro das **minhas tripa** uns espinho grande, de tuna brava... Tenho que **tirá** todos, me dizia, **ansim me aliveio** deste fogo... Nessa toada **tava**, tirando **os espinho**, mas sempre **me apareciam** outros... e quando vi **tava** se achegando, montada num cavalo escuro e clinudo, uma china alta, **os olho perdido** em dois buraco, de nariz achatado, e **os dente** saltado. Me **gritô**, e deu um sofrenço no montado que fez ele **relinchá**.

Casos como “os espinho”, “os olho perdido”, “minhas tripa” e outros, são expressões recorrentes da linguagem oral, na qual não se segue fielmente a concordância de número apontada pela gramática normativa de língua portuguesa. Como tradutores, optamos por inserir essa forma para ressaltar uma coloquialidade, mesmo que não esteja presente dessa mesma maneira no conto do escritor uruguaio.

Com a intenção de aproximar as falas das personagens do texto à oralidade regional, recorreremos a referências de outros autores sul-rio-grandenses. Dentro da literatura gauchesca existem marcas consagradas, utilizadas nas produções de muitos escritores. “Inté” e “ansim” são exemplos dessas tradicionais expressões populares, e que foram trazidas para a presente tradução. Já o “pa” não é tão comum, mas preferimos trabalhar com esse registro por reconhecê-lo como uma marca oral e, também, por sua aproximação com a contração existente na oralidade da língua espanhola, o que acentua um caráter fronteiriço na tradução.

Como forma de identificar palavras e expressões utilizadas no pampa, usamos diversos dicionários. Em “[...] alguns homens sinistros, rondando, garreando defuntos. As duas negras também carchearam algo.”, para se chegar aos regionalismos empregados (no texto de José Monegal eram “garreando” e “vizcachearon”), consultamos o Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense, obra produzida por Aldyr Garcia Schlee, onde o escritor jaguarense compilou, a partir de contos e romances rio-platenses, palavras do tão rico e diverso léxico do universo cultural pampiano. Assim, foi possível encontrar adequações a termos muito próprios da região.

O escritor José Monegal frisava na sua escrita o vocabulário pampiano e fronteiriço. Dessa forma, também procuramos marcar características das falas que encontramos na fronteira. A contração do verbo em “tás mui empinado”, o uso do pronome em “me apareciam” e expressões como “tu te desse”, por exemplo, são muito jaguarenses. Portanto, essas formas foram empregadas no texto em português de “Mano a mano” para ressaltar a identificação do lugar da produção da tradução. Outro registro do fronteiriço em narrativas de José Monegal é a presença de personagens brasileiras, cujas falas em espanhol são

marcadas por interferências do português, o que demonstra o contato das línguas nesses contextos de fronteira. No nosso caso, fizemos uso dos espanholismos como “le”, “mui” e “donde”, propondo um caminho inverso ao de Monegal, “espanholizando” termos do português. O próprio “mui” é uma palavra que existe na língua portuguesa, mas já está em desuso, e nós o retomamos com outro propósito, pois visamos a relação com o *muy* do espanhol e da fala dos jaguarenses.

Também houve situações em que optamos por manter a expressão utilizada originalmente no texto em espanhol, como “endereçaram”, no sentido de “tomar o rumo”, reconhecendo ser um estilo do escritor, uma vez que esse – além de outros – é um termo recorrente em diferentes contos de sua autoria. Por julgar que o resultado “[...] se endereçaram ao campo de batalha” mantém o mesmo sentido de “[...] se enderazaron al campo de batalla”, foi opção preservar a imagem criada por José Monegal.

Porém, em outros casos, avaliou-se necessário realizar alterações, como em “[...] el cuerpo del capitán Sotelo, semioculto en la maleza de una cañada, palpitaba aún”. Entendeu-se que o corpo estava escondido, mas, como imagem de que ainda existia vida, quisemos trazer a das batidas do coração, de modo que escolhemos colocar “[...] o coração do capitão Sotelo, com o corpo semioculto na macega de um barranco, ainda palpitava”. Em outra passagem, buscando inserir uma metáfora regional, trocou-se o “ensimismar” por um “ruminar”. Ou seja, o “Sotelo se ensismismó un instante” foi traduzido por “Sotelo ruminou as ideias por um instante”.

Procurando uma maior fluidez na leitura do conto, também foram feitas alterações sintáticas em relação ao texto em espanhol. Na sequência, apresentamos alguns exemplos de modificações na ordem dos termos nas orações, comparando o que seria uma tradução literal com o resultado a que chegamos. Assim, a cada exemplo apresentado abaixo, indicamos na letra A o texto de “Mano a mano” em espanhol; na letra B, uma suposta tradução sem interferência dos tradutores; e na letra C, a versão que empregamos na tradução:

Exemplo 1

A- Algunos hombres, siniestros, **encontraron allí**, merodeando, garreando difuntos.

B- Alguns homens, sinistros, encontraram ali, rondando, garreando defuntos.

C- **Encontraram ali** alguns homens sinistros, rondando, garreando defuntos.

Para explicar o motivo dessa alteração, temos que levar em conta o lugar em que a frase se encontra no parágrafo. Assim, voltamos para o texto traduzido: “Pouco depois, ela e a curandeira, a pé, se endereçaram ao campo de batalha. Encontraram ali alguns homens sinistros, rondando, garreando defuntos. As duas negras também carchearam algo”. É o “campo de batalha” que nos fez deslocar o “encontraram ali” para o início da frase, pois o “ali”, distante de “campo de batalha”, dificultaria o entendimento para o leitor.

Exemplo 2

A- Una hora después estaba el capitán Sotelo boca arriba sobre unos cueros de oveja contra el suelo, **en el rancho de la bruja**.

B- Uma hora depois estava o capitão Sotelo de boca pra cima sobre uns couros de ovelha contra o solo, no rancho da bruxa.

C- Uma hora depois, estava o capitão Sotelo **no rancho da bruxa**, deitado em cima de uns pelegos.

Na letra B, percebemos que, sem alterar a posição dos termos, a frase ficaria muito truncada. Por isso, deslocar o “no rancho da bruxa” para o meio da frase dá ao texto em português uma melhor fluidez.

Exemplo 3

A- Ardía todo él de fiebre **en su delirio**.

B- Ardía todo ele de febre em seu delírio.

C- **No seu delírio**, ardia em febre.

Exemplo 4

A- En tal instante hacía llorar, en tal otro reír, **a la negrita**.

B- Em tal instante fazia chorar, em tal outro rir, a negrinha.

C- Uma tal hora **a negrinha** chorava e, em tal outra, ela ria.

Os exemplos 3 e 4, na verdade, se complementam, pois, no texto de partida e no traduzido, são frases que estão em sequência. Alterar a ordem dos termos foi necessário para evitar que os leitores pudessem confundir qual personagem estaria chorando e rindo, podendo haver uma ambiguidade, não sabendo se era a negrinha ou Sotelo quem estava sorrindo e chorando. Portanto, foi feita a modificação para manter a imagem criada pelo escritor.

Exemplo 5

A- Sotelo, compañero de armas del estanciero, **siempre concentrado, y que luego de su milagrosa salvación** lo fue más, también estaba allí.

B- Sotelo, companheiro de armas do estancieiro, sempre concentrado, e que logo de sua milagrosa salvação o foi mais, também estava ali.

C- Sotelo, **que depois de sua milagrosa salvação** se tornou mais próximo do estancieiro, seu companheiro de armas, também estava ali, **sempre concentrado**.

Neste último exemplo, poderia existir dificuldade em entender quem estava “sempre concentrado”, Sotelo ou o estancieiro? E o “fue más”, pela tradução exposta na letra B, se referiria à concentração ou ao companheirismo? Por essas razões, foi feita a alteração da ordem dos termos na frase, buscando clarear para o leitor o entendimento do texto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de uma efervescente produção literária, poucos são os autores uruguaios lidos no Brasil. Nesse sentido, a proposta do projeto de pesquisa “José Monegal em

tradução: teoria, prática e crítica” é oferecer ao leitor de língua portuguesa as obras desse escritor que possui uma qualidade literária acentuada, uma vez que na sua produção, através do humor e do drama, se encontra uma gauchidade rica em elementos que refletem a cultura regional do pampa e da fronteira. Um desses elementos, por exemplo, é o jogo do truco, que inclusive está presente em muitos outros lugares do território brasileiro, mas com regras e dinâmicas que podem ser diferentes das que encontramos em “Mano a mano”, conto cujo título preservamos em espanhol na tradução por entender que o seu sentido, uma disputa de um contra o outro, remete diretamente ao jogo de cartas e que aqui, no texto traduzido, pode nos colocar lado a lado com o texto de José Monegal, onde as perdas dos efeitos do texto de partida são compensadas com criações promovidas pela interferência dos tradutores.

REFERENCIAS

- BENAVIDES, W. Prólogo. In: MONEGAL, J. **El tropero macabro y otros cuentos**. Montevideú: Banda Oriental, 1978. p. 5-8.
- MONEGAL, J. Mano a mano. In: MONEGAL, J. **Cuentos escogidos**. Montevideú: Banda Oriental, 1967. p. 176-179.
- ROCCA, P. Prólogo. In: MONEGAL, J. **Cerrazón y otros cuentos**. Montevideú: Banda Oriental, 2007. p. 5-10.

Authorship contributions

1 – Carlos Garcia Rizzon

Doutorado em Letras, na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<https://orcid.org/0000-0003-0950-3432> e rizzoonn@gmail.com

Contribuição: Tradução da versão inicial do conto; pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo. FAVOR INFORMAR

2 – Kéven Costa de Lima

Possui graduação em Letras Português, Espanhol e suas Respectivas literaturas pela

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

<https://orcid.org/0009-0005-6680-8621> e kevenlima.aluno@unipama.edu.br

Contribuição: Tradução da versão inicial do conto; pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo.

3 – Larissa Gonçalves da Rosa

Graduanda em Letras Português, Espanhol e suas Respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

<https://orcid.org/0009-0006-9546-1150> e larissagdr2.aluno@unipampa.edu.br

Contribuição: Pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo.

4 – Lucas da Silva Arias

Graduando em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

<https://orcid.org/0009-0009-5389-2085> e lucasarias.aluno@unipampa.edu.br

Contribuição: Pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo

5 – Lucas Martins

Graduando em Letras Português, Espanhol e suas Respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

<https://orcid.org/0009-0009-9166-6281> e lucasm2.aluno@unipampa.edu.br

Contribuição: Tradução da versão inicial do conto; pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo

6 – Maria Ingrid de Macedo

Possui graduação em Letras Português, Espanhol e suas Respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

<https://orcid.org/0009-0004-6487-3385> e mariaingrid.aluno@unipampa.edu.br

Contribuição: Pesquisa, discussão e reflexão para soluções na tradução; tradução final do conto; redação do artigo

Como citar esse artigo:

RIZZON, C; *et al.* Mano a mano com José Monegal. **Gutenberg**, Santa Maria, v.3, n.1, 2023. DOI 10.5902/2763938X70180. Recovered in: <https://doi.org/10.5902/2763938X70180>.